

## VIVÊNCIAS EM ATLETISMO ESCOLAR E A FORMAÇÃO INICIAL DOS ACADEMICOS INGRESSANTES NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA DO CEFD/UFSM

*Experiences in school athletic and the initial training of academic members in the physical education course - license CEFD/UFSM*

*Experiencias en escuela atlética y formación inicial de miembros académicos en el curso de educación física - licencia CEFD/UFSM*

Juliana Ribeiro Licht\*

Gislei José Scapin\*\*

Leandra Costa da Costa\*\*\*

---

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2021.v3i2n6.637-659>

---

### Resumo

Este estudo tematiza a Formação Inicial em Educação Física (EF), em especial, o Atletismo. Objetiva-se verificar as implicações na Formação Inicial em EF a partir da identificação das vivências da educação básica acerca do atletismo escolar em acadêmicos ingressantes no curso de Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria. Segue uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva-exploratória, pautada por um estudo de caso em uma turma de primeiro semestre do curso de EF – Licenciatura do CEFD/UFSM. Os resultados foram organizados em duas categorias: vivências em Atletismo escolar e suas implicações/expectativas para Formação Inicial em EF. Por fim, destaca-se que houve uma presença significativa do Atletismo na EFE, superando estudos relacionados à temática, bem como gerando implicações positivas no processo de Formação Inicial em Educação Física, em especial acerca da apropriação e ensino do Atletismo.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Atletismo; Formação de Professores.

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2021.v3i2n6.636-659>

### **Abstract**

This study focuses on the Initial Formation in Physical Education (PE), in particular, Athletics. The objective is to verify the implications in the Initial Formation in PE based on the identification of the experiences of basic education about school athletics in students entering the Licentiate course at the Federal University of Santa Maria. It follows a qualitative approach, of the descriptive-exploratory type, guided by a case study in a class of the first semester of the EF course - Degree from CEFD / UFSM. The results were organized into two categories: experiences in school athletics and their implications / expectations for Initial Training in PE. Finally, it is noteworthy that there was a significant presence of Athletics in the EFE, surpassing studies related to the theme, as well as generating positive implications in the process of Initial Training in Physical Education, especially about the appropriation and teaching of Athletics.

**Keywords:** Physical School Education; Athletics; Teacher Training.

### **Resumen**

Este estudio se centra en la Formación Inicial en Educación Física (EF), en particular, el Atletismo. El objetivo es verificar las implicaciones en la Formación Inicial en EF a partir de la identificación de las experiencias de educación básica sobre atletismo escolar en académicos que ingresan al curso de Licenciatura en la Universidad Federal de Santa Maria. Sigue un enfoque cualitativo, de tipo descriptivo-exploratorio, guiado por un estudio de caso en una promoción del primer semestre de la EF - Grado de Licenciatura de CEFD / UFSM. Los resultados se organizaron en dos categorías: experiencias en atletismo escolar y sus implicaciones / expectativas para el Entrenamiento Inicial en Educación Física. Finalmente, es de destacar que hubo una presencia significativa del Atletismo en la EFE, superando los estudios relacionados con la temática, además de generar implicaciones positivas en el proceso de Formación Inicial en Educación Física, especialmente sobre la apropiación y enseñanza del Atletismo.

**Palabras clave:** Educación Física Escolar; Atletismo; Formación de Maestros.

---

## **Introdução**

Este estudo trata sobre a temática Formação Inicial de Professores em Educação Física (EF) - Licenciatura, correlacionado ao subtema Atletismo enquanto conteúdo das aulas de Educação Física Escolar (EFE), investigando os acadêmicos ingressantes no primeiro semestre do curso de EF - Licenciatura do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), traçando um diálogo entre as vivências/experiências trazidas da educação básica e as expectativas para

Formação Inicial, e como essas herança escolares implicam e influenciam no processo de Formação Inicial.

Para Lopes e Moreira (2015), todo o docente inicia sua trajetória profissional de modo implícito com o ofício de discente, onde no âmbito escolar tem a personificação do profissional que lá atuou sendo um suposto modelo ou ideal de trabalho a ser reproduzido ou transcendido. Os autores ainda complementam que o professor provoca no estudante o “vir a ser professor”, seja por meio de inversão de papéis durante as aulas, como em apresentações de trabalhos, seminário ou que solicite do estudante assumir a ação pedagógica frente à turma e aos colegas. Estes estudantes trazem boa parte de suas vivências e experiências advinda dos espaços escolares tanto positivas quanto negativas e serão essas heranças que irão nortear futuramente parte<sup>1</sup> de sua de atuação profissional.

No que tange a Formação Inicial em Educação Física e as experiências de ensino/acesso do Atletismo no ambiente escolar, alguns estudos/pesquisas nos indicam que os acadêmicos ingressam nos cursos de graduação sem terem tido contato com essa modalidade esportiva. Isso fica explícito nos escritos de alguns autores como, por exemplo, em Matthiesen (2005), onde destaca a deficiência do ensino do Atletismo no período escolar antecedente ao ingresso na universidade, revelando que os alunos chegam ao ensino superior com conhecimento restrito acerca das modalidades esportivas, restando-lhes apenas um reduzido conhecimento televisivo, quase sempre centrado em poucas provas.

A pouca incidência acerca do ensino do Atletismo no ambiente escolar ou a restrição e precarização do ensino é justificada pela falta de espaços físicos e materiais adequados e, ainda, pela fragilidade na Formação Inicial nos cursos de graduação, assim como a falta de estímulos aos professores e de uma formação continuada que poderia trazer novas perspectivas, motivações e criatividade aos professores atuantes, para a mediação e desenvolvimento das aulas de forma plena, lúdica e produtiva tanto para o professor quanto para os alunos (IORA et al., 2016; LENCINA, ROCHA JR., 2001; MARQUES, IORA, 2009; PICH, 2015; SILVA, SEDORKO, 2011).

---

<sup>1</sup> Tratamos como parte constituinte do “ser professor”, pois há outros elementos que compõem a profissão, o trabalho do professor não corresponde a um tipo de ação específico, são um conjunto de saberes sistemáticos e coerentes de representações (com objetivo ou fim), objetivos almejados por atores educativos para realização de certas finalidades. As teorias de ação enriquecem os saberes docentes, “saber ensinar na ação”, saberes pedagógicos, a experiência vivida e a utilização de raciocínios, conhecimentos e procedimentos variados que compõem a prática e o discernimento para a profissão (TARDIF, 2014).

Essa compreensão, de certa forma, só pode existir em virtude de haver, ainda, por parte dos professores, um entendimento de que o Atletismo na escola precisa ter as mesmas características do esporte oficial, típico de clubes e alto rendimento, em que pese a crônica falta de infraestrutura em muitas escolas para o desenvolvimento de qualquer conteúdo da EF com plena qualidade (MARQUES, IORA, 2009; MOTA e SILVA et al., 2015).

Lopes e Moreira (2015) compreendem que a Formação Inicial do professor é um percurso, muitas vezes, é impulsionado pelas vivências da educação básica, com o ofício de aluno. Nesse período de formação, o discente se depara com informações e conhecimentos que farão parte de sua história de vida e serão retomadas e ressignificadas posteriormente durante a formação em nível superior. Na Formação Inicial em EF, Pich (2011) afirma que há uma centralidade no ensino do Atletismo pautado pelo rendimento esportivo. Para Iora et al. (2016) a Educação Física parece ter a obrigação de reproduzir as dimensões do desporto de competição típico dos clubes esportivos e que se caracteriza pelo treinamento e pela concorrência.

Dessa forma, abordar o Atletismo vinculado a uma perspectiva centrada no rendimento pode influenciar no processo de formação de professores da área, forjando no acadêmico/educando uma perspectiva referente ao Atletismo como sendo ele um esporte de caráter estritamente oficial. O que possibilita uma reiteração dessa ideia é o fato de que durante a Formação Inicial em EF, os acadêmicos percorrem diversas disciplinas em que os professores possuem a disposição uma diversidade de materiais, porém nas escolas a realidade nem sempre é a mesma (IORA et al., 2016).

Diante do exposto, elaboramos a seguinte questão: quais são as implicações na Formação Inicial em Educação Física, no que tange ao Atletismo, a partir da relação das vivências/experiências da educação básica com as expectativas dos acadêmicos ingressantes no curso de Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria? Neste viés, objetivamos verificar as implicações na Formação Inicial em EF a partir da identificação das vivências/experiências da educação básica acerca do atletismo escolar em acadêmicos ingressantes no curso de Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria.

## Metodologia

### Resultados e discussões: Das vivências escolares do Atletismo

Neste item serão apresentados e discutidos os resultados obtidos referentes às questões das *vivências escolares (ou não vivências) do Atletismo enquanto conteúdo da EFE e suas finalidades dentro da escola*. São apresentadas as experiências dos acadêmicos participantes deste estudo egressos da escola, evidenciando importantes fatores inerentes a esse processo, como e aonde o Atletismo vem sendo desenvolvido e quais *expectativas para formação*.

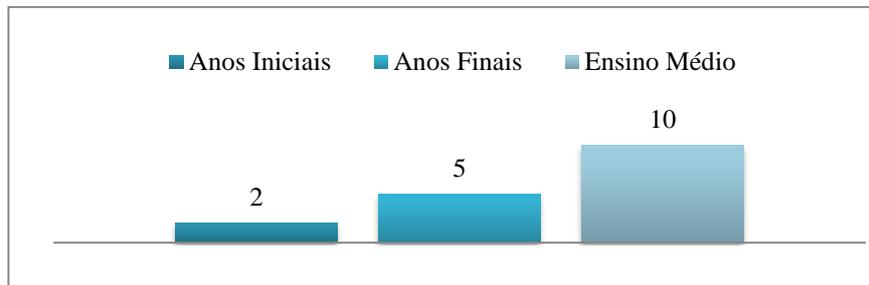
Do total de 33 alunos ingressantes no primeiro semestre do curso de Educação Física – Licenciatura (CEFD/UFSM), 21 (vide Tabela 1) se propuseram a ser voluntários/participantes da coleta de informações por meio do questionário. Desse total, 13 tiveram o Atletismo como conteúdo dentro das aulas de EFE equivalendo a 62% e 8 não tiveram o Atletismo na escola, equivalendo a 38% (embora dois alunos tiveram contato uma semana antes apenas como intuito de participar de competição).

O número de acadêmicos que tiveram o Atletismo enquanto conteúdo nas aulas de EFE apresenta dados muito positivos, pois a realidade escolar acerca do Atletismo ruma para uma nova perspectiva, visto que, o esporte estava em decadência dentro da escola em décadas passadas como apresentado por Lencina e Rocha Jr. (2001). Esse aumento já havia sido evidenciado no estudo de Mota e Silva et al. (2015) em que, através de uma revisão sistemática da literatura em artigos da última década, revelando 11 estudos abordando essa temática, a incidência do ensino do Atletismo como conteúdo da EFE variou entre 60% e 100%, nas escolas verificadas nos artigos.

Uma das justificativas para esse aumento no índice de inserção do Atletismo nas aulas de EFE apresentado por Mota e Silva et al. (2015), se estruturam em razão de uma maior conscientização dos professores a respeito da importância do ensino do Atletismo para a formação dos alunos, através de programas oficiais de ensino promovidos pelas redes municipais e estaduais, que em sua maioria o incluem como conteúdo.

No que diz respeito à *etapa de ensino* em que o Atletismo esteve presente, através de uma questão de múltipla escolha, foram identificados os seguintes dados:

**Figura 1** - Etapa de Ensino.



**Fonte:** Autores (2019).

A “Figura -1” nos mostra que o maior predomínio do ensino do Atletismo na EFE foi na etapa do Ensino Médio, sendo que dos 13 acadêmicos que tiveram acesso ao Atletismo enquanto conteúdo, 10 literalmente vivenciaram, enquanto que no Ensino Fundamental, apenas cinco acadêmicos relataram essa vivência/experiência nos Anos Finais e apenas dois relatam nos Anos Iniciais.

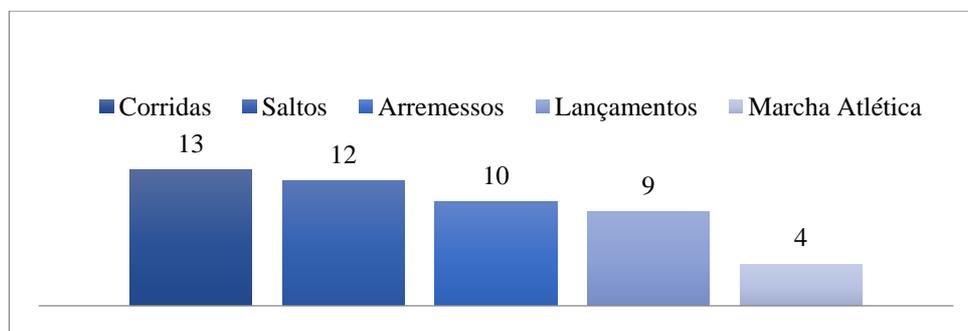
Para Pich (2011), Iora et. al (2016), Silva e Sedorko (2011) e Matthiesen (2005), o Atletismo serve como “esporte base” para as demais modalidades e seria de suma importância para o aprimoramento das habilidades básicas dos alunos. Podemos, entretanto, observar em nossos dados que sua presença dentro da escola teve mais ênfase no fim do seu estágio escolar, ou seja, no Ensino Médio. Diante desse fato e tendo como pressuposto que o Atletismo se apresenta como “esporte base”, acreditamos que houve uma possível redução em relação ao desenvolvimento e aprendizagem das habilidades básicas físico/motoras (correr, saltar, arremessar e lançar) proporcionadas pela prática do Atletismo e que colaborariam para o desenvolvimento das demais modalidades esportivas.

Para Hildebrandt (2003), o Atletismo pode ser o maior responsável pelo desenvolvimento das capacidades motoras básicas, pela promoção da saúde, pelo desenvolvimento do organismo, contribuindo para o desenvolvimento do sistema cardiovascular e nervoso e para aperfeiçoar as qualidades físicas fundamentais.

Portanto, do ponto de vista curricular e pedagógico, nos parece contraditório uma modalidade esportiva dita como “esporte base”, que se inicia através dos movimentos naturais humanos e “dá” margem para outros esportes que se utilizam de seus movimentos como vertentes, que apresenta tantos benefícios e ganhos motores, principalmente no que se refere às capacidades físicas e motoras básicas, ser abordada no fim do ciclo escolar.

No que tange as *modalidades de ensino* vivenciadas pelos *participantes que tiveram* o Atletismo como conteúdo na EFE, os índices de ocorrência das modalidades foram:

**Figura 2** – Modalidades.



**Fonte:** Autores (2019).

Podemos observar na “Figura – 2” que dos 13 acadêmicos que tiveram o Atletismo como conteúdo da EFE, 100% relatam ter vivenciado/experenciado as Corridas durante as aulas, a segunda modalidade mais citada por esses acadêmicos foram os Saltos, constando essa incidência nos relatos de 12 acadêmicos, após os Lançamentos apresentado nos relatos de dez acadêmicos, nove mencionaram os Arremessos e quatro ainda relatam o ensino da Marcha Atlética.

Para Hildebrandt (2003) as Corridas podem ser caracterizadas como: “à distância a ser percorrida, a largura da pista, o nível horizontal do solo, a direção, o ponto de partida e linha de chegada, etc.”. Já os Saltos, em específico, em distância, apresentam as seguintes características: “a corrida em linha reta sobre um solo horizontal, o ponto de impulsão sobre uma marca medida e fixa, a zona de aterrissagem no solo macio, etc.”. E os Lançamentos estendendo-se também ao Arremesso: “a delimitação do local, a direção e o setor de lançamento, etc.”. Dentre as provas, as que são desenvolvidas com mais frequência dentro da escola conforme consta na literatura e coincide com nossa pesquisa, são as “Corridas” e os “Saltos” como assim tematizam os autores Lencina e Rocha Jr. (2001), Marques e Iora (2009), Silva e Sedorko (2011), Mota e Silva et al. (2015) e Gemente e Matthiesen (2017).

Embora as Corridas e os Saltos, segundo os dados levantados por nosso estudo, ainda apareçam como o “carro chefe” desse esporte, a presença do ensino da Marcha Atlética surge como uma positiva novidade visto que nos estudos de Almeida et. al (2017), Mendonça e Costa (2009), Mota e Silva et al. (2015) e Silva e Sedorko (2011),

com a mesma temática, raramente ela foi citada ou sequer foi mencionada como inserida/abordada dentro da escola.

Notamos que as corridas aparecem em 100% das menções dos acadêmicos que tiveram Atletismo na escola. Para Silva e Sedorko (2011), as corridas aparecem com mais frequência por ter um gesto motor mais natural, em vista da Marcha Atlética que exige um movimento mais técnico e específico, sendo que quanto mais técnico for o gesto, menos incidente ele será dentro da escola ou até mesmo descartado dessa.

Nesse contexto apresentado por Silva e Sedorko (2011), presume-se que a Marcha Atlética não vinha sendo abordada e inserida na escola nas aulas de EF devido sua especificidade e complexidade técnica. Portanto, entendemos, a partir dos registros coletados, que a presença da Marcha Atlética nas aulas de EFE significa que a qualidade em que o Atletismo vem sendo trabalhado dentro da escola teve uma ascensão, se antes a complexidade técnica era um empecilho para o trabalho de algumas modalidades, hoje avança seu ensino pela sistematização utilizando-se da movimentação técnica em auxílio à aprendizagem e interesse nas aulas.

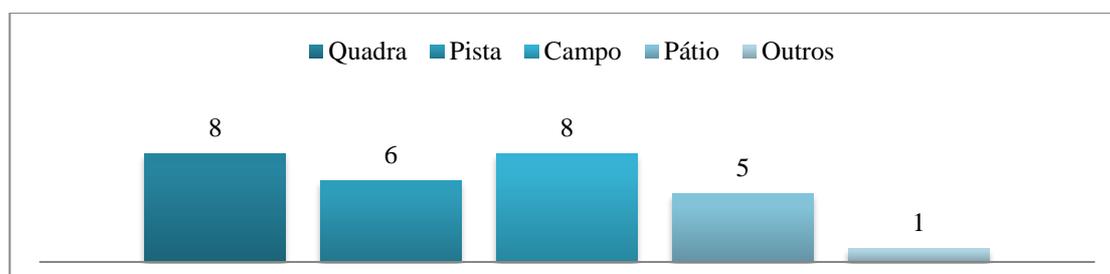
Em relação aos *materiais utilizados*, apenas um participante afirmou não ter utilizado materiais adaptados, somente implemento oficial e, para os demais participantes, além do material adaptado mais seis acadêmicos afirmam ter feito uso de materiais oficiais em conjunto aos adaptados. Dentre os materiais adaptados foram relatados a vara de bambu para construção da vara dos saltos, pratinhos de festa como improvisado para os lançamentos de discos e cabos de vassouras para os lançamentos de dardos adaptados, para o revezamento eram utilizados galhos de árvores, para o arremesso os materiais eram a bocha, petecas com areia e bolas de meia para substituir o peso, para a confecção das barreiras e saltos foram evidenciados o uso de materiais recicláveis e cordas.

De acordo com o cenário apresentado pelos acadêmicos, Matthiesen (2005) e Iora et al. (2016) reiteram que o ensino do Atletismo pode ser realizado a partir da construção e da utilização de materiais alternativos, com recursos disponíveis na própria escola como os materiais recicláveis. Podendo ser utilizados como possíveis auxiliares para a didática dos docentes de EF, onde os próprios alunos podem fazer parte da construção dos materiais para posteriormente usufruir como instrumento de aprendizado, incentivando a criatividade e colaborando para a autonomia dos alunos, possibilitando alternativas para que seu ensino não seja negado.

Portanto, em relação ao uso de materiais adaptados, podemos averiguar que o discurso da falta de materiais para o ensino do Atletismo foi superado em prol das utilizações criativas encontradas pelos professores para a oferta de ensino de determinadas modalidades. Esse dado nos mostra a efetividade de várias modalidades estarem sendo vivenciadas dentro da escola, pela variação de materiais que estão sendo utilizados pelos professores, ampliando a experiencição dos alunos, visto que todos que relataram ter tido o Atletismo na escola evidenciando os materiais e as especificidades para implementação destes dentro das modalidades.

No que tange os *espaços utilizados* para a prática, por meio de uma questão fechada e de múltipla escolha, foram identificados os dados que seguem na figura abaixo:

**Figura 3** - Espaços utilizados para a prática.



Fonte: Autores (2019).

Na “Figura – 3” podemos constatar que os espaços mais utilizados para a prática do Atletismo foram: a quadra das escolas e o campo. Ambos estiveram presente nos relatos de oito acadêmicos. Seguido do ensino na pista, presente no relato de seis acadêmicos. O pátio da escola foi mencionado por cinco acadêmicos e um acadêmico ainda relatou o uso da rua da escola como ambiente para ensino do Atletismo.

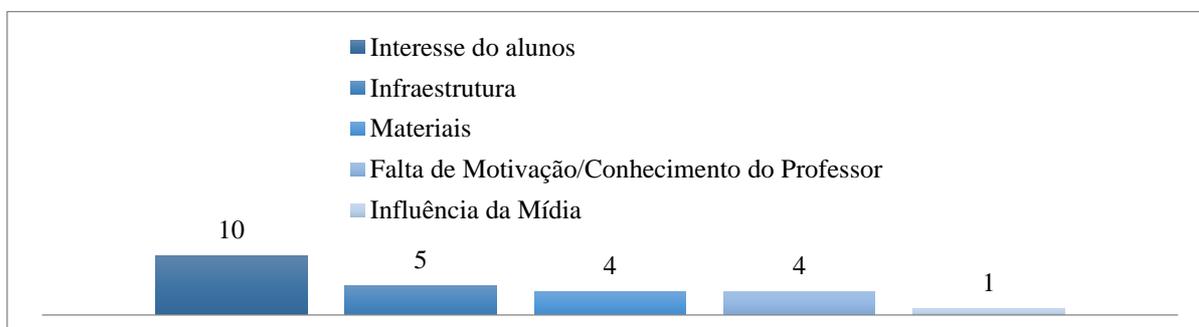
Assim como reforçam os estudos de Iora et al. (2016), Marques e Iora (2009) e Kunz e Souza (1998), deve se trabalhar o Atletismo a partir das possibilidades encontradas na escola, com variação de lugares e da utilização de espaços alternativos, exemplificando possibilidades pedagógicas e diferentes experiências de aprendizado, estimulando a criatividade dos alunos.

A quadra da escola e o campo foram os ambientes mais utilizados para as aulas de Atletismo na EFE, dessa forma, podemos observar que assim como os materiais adaptados, os espaços podem e foram adaptados também, não ficando restritos e dependentes de apenas o ensino em local com características oficiais, mostrando que

vários ambientes colaboraram para o ensino do Atletismo na escola. A rua da escola também foi apontada como uma alternativa para o ensino, mostrando ser uma possibilidade pedagógica auxiliando na promoção das aulas mesmo em espaços adaptados.

No que se refere às *dificuldades para o ensino* do Atletismo nas aulas de EFE, para os participantes que tiveram o Atletismo como conteúdo, apenas um participante dos 13 acadêmicos não respondeu essa questão. Os demais acadêmicos reconhecem como empecilho para o desenvolvimento do Atletismo escolar:

**Figura 4** - Principais dificuldades para os acadêmicos que tiveram o Atletismo na EFE.



**Fonte:** Autores (2019).

Nota-se que a principal dificuldade para o trabalho do Atletismo nas aulas de EFE, apontada pelos acadêmicos que vivenciaram/experienciaram foi a falta de interesse dos alunos e em segundo a infraestrutura. Em relação a isso, Oro (1983) afirma que as modalidades com maior prestígio nacional tendem a ser mais atrativas que o Atletismo, visto que tais modalidades usam a ação da bola como instrumento de comunicação interpessoal e autoexpressão. Os esportes coletivos, por exemplo, ainda atribuem uma condição de ludicidade, pois em um país como o nosso (culturalmente falando) o esporte é um jogo com bola, deixando a margem o Atletismo. Consideramos ainda que, apesar de ser um estudo de três décadas passadas, a afirmação do autor persiste de forma rígida no aspecto cultural.

Corroborando esse pensamento, Kunz e Souza (1998, p. 23) enfatizam que:

Todo o professor de Educação Física sabe que ensinar atletismo nas escolas é um processo dramático. Os alunos, com certeza, preferem “mil vezes” jogar, brincar com bola, do que saltar em altura, distância, arremessar ou “se matar” numa corrida de quatrocentos ou mil metros. A preferência por atividades jogadas não está somente na falta de ludicidade como se apresentam as

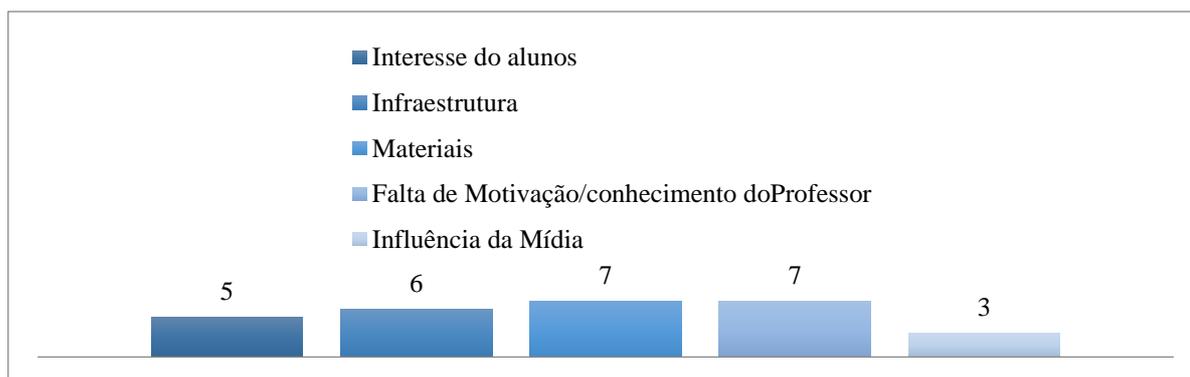
chamadas provas de atletismo, mas, na maioria dos casos, por lembranças de um insucesso ou de uma vivência não bem sucedida pelos parâmetros “normais” como essas “provas” se apresentam. Assim o medo de novos fracassos ou de vergonha frente a colegas interfere no empenho em querer aprender essa modalidade esportiva.

Nesse sentido, devemos pensar o Atletismo como uma ferramenta motivadora, ressignificando seu objetivo dentro das aulas de EF para além das exigências de comparação ou rendimento, estabelecendo uma relação entre a movimentação correta e técnica e sua inserção sem perder o prazer em vivenciá-lo ou deixar de atribuir um caráter de ludicidade.

Como mencionado, precisamos desmonotonizar o Atletismo dentro da escola, essa prática necessita ser vista como um todo, como um conjunto de ações nos seus mais variados âmbitos, pois se este utiliza de movimentos naturais (correr, saltar, lançar e arremessar), que os escolares já o vivenciam no cotidiano (podendo ser através de outras práticas, nas interações com a natureza e colegas) devemos nos apropriar desse contexto como um recurso para torná-lo atrativo.

Esse panorama referente às dificuldades de ensino altera para os participantes que *não* tiveram o Atletismo nas aulas de EFE, como mostram os dados a seguir:

**Figura 5** - Principais dificuldades para os acadêmicos que não tiveram o Atletismo na EFE.



**Fonte:** Autores (2019).

Para os oito acadêmicos que *não tiveram contato com o Atletismo nas aulas de EFE*, o principal entendimento para o não-trabalho do referido esporte coincidiu entre a falta de materiais para o ensino e a falta de motivação/conhecimento do professor, sendo que apenas um acadêmico não respondeu este item.

Frente ao entendimento de que os materiais encontrados na escola não são suficientes para o ensino do Atletismo, aos docentes dos cursos de graduação em EF, cabe estabelecer a relação entre os acadêmicos e as carências escolares. Devem atentar para o campo de atuação que os espera e serem capazes de agir diante da realidade escolar e alterar essa compreensão frente aos empecilhos, pois os docentes devem desvelar caminhos/alternativas de ensino e adaptações para transformar e progredir essa perspectiva, e não dar mais ênfase do não ensino pelas dificuldades. Caso contrário, teremos um “círculo vicioso”: *não tive, não aprendi, não terei, logo não trabalharei*.

Acerca da *falta de motivação/conhecimento do professor* foram mencionados o caráter formativo que o professor teve, ou o mesmo considerar que o ensino não fosse relevante e ainda os professores ensinavam apenas os quatro esportes mais comuns (vôlei, basquete, handebol e futsal). Ficando explicitado na fala de alguns acadêmicos:

*A formação que o meu professor teve ou até mesmo por achar que não era importante (Acad. A).*

*Falta de conhecimento dos professores, achavam desnecessário, sei lá (Acad. B).*

*O fato de que os professores ensinavam apenas os quatro esportes mais comuns (futsal, basquete, vôlei e handebol) (Acad. C).*

*Acho que por falta de interesse dos professores e dos alunos (Acad. D).*

Para Mota e Silva et al. (2015 apud CALVO, MATTHIESEN 2012) há ainda uma prevalência de um modelo tecnicista na formação dos professores e de prática pedagógica, o que faz com que priorizem o ensino de atividades em que tenham mais domínio, evitando aquelas que sejam tecnicamente mais complexas ou que simplesmente conheçam superficialmente. Além disso, chamamos atenção às influências que a mídia tem sobre nossa área de atuação, tornando alguns esportes mais prestigiados que outros e influenciando diretamente no nosso campo de atuação.

Em relação ao *método de ensino do Atletismo*, oito participantes afirmam ter vivenciado o esporte Atletismo por meio de exposição teórico-prática, sendo a parte teórica uma apresentação da modalidade com utilização de recursos midiáticos (vídeos, slides, entre outros) e a parte prática efetuada no ambiente destinado para tal. Desse total, apenas três participantes trazem breves detalhes de como eram essas aulas:

*Eram através dos estudos e após tudo desenvolvia a prática (Acad. G).*

*Às vezes acontecia dentro da sala de aula como aula teórica e em outros momentos a prática era desenvolvida no campo (Acad. H).*

*Como a escola oferecia os recursos necessários para as aulas, o professor pode desenvolver de forma prática após uma apresentação da modalidade através de vídeos ou apresentação do professor (Acad. I).*

*Slides sobre a modalidade (Acad. J).*

Observamos no relato do *acadêmico H* que aparentemente, apesar de o estudo ser teórico-prático, parece não ser desenvolvido de forma integrada, ou seja, a teoria acontece apenas em sala de aula não se estendendo para a prática que acontece no campo. Ginciene e Matthiesen (2017, p. 736) dialogam que esse tipo de ensino teórico-prático não pode ocorrer de forma isolada, ou seja, fragmentando o ensino por âmbitos, isto é, no dia em que se pretende trabalhar conceitos (o que saber), restringe-se apenas em sala de aula, quando se pretende trabalhar procedimentos (saber fazer), realiza-se apenas centrada na prática da modalidade no ambiente para tal, e no âmbito atitudinal (ajuda a ser) vir a ser dialogado apenas quando eventuais problemas surjam no decorrer da aula.

Embora não tenha sido descrito com exatidão de detalhes como eram essas aulas teóricas e qual/como o conteúdo era apresentado, essa perspectiva ainda nos mostra um avanço frente à preocupação que os professores estão tendo no ensino do Atletismo, expondo o esporte nos seus mais variados âmbitos, que segundo Darido (2003) e Matthiesen (2014) se constituem no âmbito conceitual (o que se deve saber), procedimental (o que se deve saber fazer) e atitudinal (como me ajuda a ser). Portanto, o ensino do Atletismo na maioria das ocorrências não se limitou apenas com ensino centrado na técnica, limitado na dimensão procedimental, mas transgredido na sua plenitude.

Os outros cinco acadêmicos relatam que tiveram contato apenas de forma “prática”, em campo. Os alunos informaram que a apresentação da modalidade era feita com antecedência, de forma oral e em quadra. Após uma demonstração, iniciava a parte prática. Seguem os relatos:

*As atividades eram desenvolvidas de forma prática onde o professor demonstrava o que seria feito e os alunos repetiam as etapas (Acad. K).*

*De forma intensa com treinos quase todos os dias (no ensino fundamental) (Acad. L).*

*De forma prática, uma rápida demonstração e explicação, logo partindo para a prática (Acad. M).*

*Corridas eram treinadas em uma rua reta que tinha pouco movimento, o salto era dentro da escola no pátio dentro de uma caixa de areia, os arremessos em um campo de futebol ao lado da escola (Acad. N).*

*Dando o máximo de voltas na pista em seis minutos, circuitos, treinos na areia, lançamentos e saltos (Acad. O).*

Notamos que o ensino delimitado apenas no âmbito da prática (procedimental) por vezes apresentou característica do Ensino Tradicional, onde o estudante apenas repetia o que o professor demonstrava, ou seja, uma padronização do movimento técnico em detrimento das variações das vivências de movimentações criativas e lúdicas, restringindo a autonomia do educando. Em alguns relatos fica claro a característica tecnicista e de rendimento atribuído à prática como vemos presente na fala do *acadêmico L*, em que eram “treinos” intensos, e também para o *acadêmico O*, que por sua vez deveria dar “o maior número de voltas” em um determinado tempo.

Nesse cenário, devemos ser precavidos com os tipos de vivências que estamos oportunizando aos educandos no ambiente escolar, pois a mesma atividade que enaltece um aluno pode ser a fragilização e traumatização de outro. Uma aula de EFE voltada apenas para o treino e obtenção de melhores resultados, de certa forma faz uma distinção entre os alunos mais hábeis e menos, podendo ser traumatizante para os que não têm tanta familiaridade com as habilidades que são exigidas na prática, temos que levar em consideração que nem todos os alunos estão no mesmo nível de aprendizagem, e que uns tem mais predisposição para certos afazeres que outros.

As aulas de EFE devem buscar atender as necessidades de todos os alunos, e não uma seleção de atletas para competição é nesse ponto que muitas vezes faz o Atletismo não ser interessante para os alunos, pois nem todos se sentem capazes de executá-lo em condições voltadas para rendimento, treinamento e sobrepujança, para isso podem ser criados clubes, fora do horário de aula, para equipes que podem vir a competir quando necessário.

### **Implicações das vivências/experiências para formação inicial e as expectativas que se delineiam**

Neste item iremos discorrer sobre as possíveis implicações que as vivências/experiências escolares apresentadas pelos acadêmicos de nosso estudo, podem influenciar no processo de Formação Inicial dos mesmos e quais suas expectativas frente à formação inicial no curso de EF – Licenciatura do CEFD/UFSM. Antes de qualquer coisa, é necessário compreendermos que:

Ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores etc., os quais estruturam sua personalidade e suas relações com os outros e são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Nessa perspectiva, os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorriam em grande parte de concepções do ensino aprendizagem herdadas da história escolar (TARDIF, 2014, p. 72).

Nessa perspectiva, buscamos compreender através da opinião dos acadêmicos de que forma essas vivências/experiências escolares podem influenciar em seu processo de Formação Inicial. Para isso lhes foi feita a seguinte pergunta “*As suas vivências/experiências obtidas no Atletismo da EFE são importantes para o seu processo de formação inicial?*”. Considerando os 13 participantes que *tiveram o Atletismo como conteúdo da EFE*, os relatos a seguir expõem ideias que representam sua maioria, evidenciando a incidência de posicionamentos semelhantes:

*Sim, para espelhar-me no que foi faltado para tornar a aula mais completa e com mais recursos (Acad. H).*

*São importantes de forma que já tenho vivência em algumas modalidades, facilitando o aprendizado (Acad. I).*

*Sim, pois assim é possível fazer um comparativo de formas de ensinamento de professores na escola e faculdade, proporcionando assim um amplo conhecimento em relação a estas práticas (Acad. K).*

*São importantes pelo fato de não ter visto o atletismo como ‘vivência escolar’, e querer desenvolver diferente do que foi visto para mim, que era só competir (Acad. N).*

*Sim, pois logo à frente já terei uma noção de como agir nas aulas e de como trabalhar com meus futuros alunos (Acad. P).*

*São importantes porque vou ter cadeiras de atletismo no qual já vou estar mais preparado e, também, podendo adquirir novos conhecimentos (Acad. Q).*

Fundamentado nos relatos acima, averiguamos que tais vivências/experiências são consideradas importantes para eles, pois trazem certa segurança em relação à aprendizagem, visto que estes já tiveram esse primeiro contato na fase escolar e que somados aos conhecimentos das disciplinas de Atletismo ofertadas pela instituição de Ensino Superior podem facilitar para uma maior variabilidade na forma de trabalhar o conteúdo futuramente.

O *Acadêmico N*, por exemplo, enfatiza que suas vivências/experiências escolares com o Atletismo foram centradas no eixo competitivo e de rendimento, portanto, não considera como “vivência escolar”, buscando no curso de EF - Licenciatura uma nova perspectiva para o ensino do Atletismo, para que ele possa ofertar - futuramente quando estiver atuando - uma nova forma de ensino diferente do que lhe foi ofertado. Observamos que o *acadêmico K* busca fazer um comparativo entre as formas de ensino do professor da escola com o futuro docente do Ensino Superior, o que é errôneo, visto que os objetivos dos métodos de ensino são diferentes. A escola busca ofertar vivências/experiências das mais variadas formas do movimentar-se que fazem parte da Cultura Corporal da EF. O Ensino Superior, por sua vez, voltado para os cursos de Licenciatura, tem como objetivo formar professores que serão capazes de ensinar/ministrar tais conteúdos. É necessário considerarmos as particularidades de cada espaço.

Para os *participantes que não tiveram* as vivências/experiências com o Atletismo no âmbito escolar a seguinte pergunta foi feita “*Caso não tenha tido nenhuma experiência relacionada ao Atletismo na EFE, de que forma esse fato implicará em sua formação inicial?*”. Frente a essa questão, destacamos os relatos:

*Vou ter que correr atrás e aprender tudo desde o começo para poder passar aos meus alunos (Acad. A).*

*Não tive contato nenhum, e acho que seja de suma importância para o movimento e para ter novas experiências e contato com esportes diferentes (Acad. B).*

*Como não tive essa vivência, hoje eu considero isso como um impacto negativo, pois acredito que o atletismo representa um conteúdo importante da EF e que eu não tive (Acad. D).*

*Eu não tive na escola então me afeta porque não tenho essa vivência básica (Acad. E).*

*Não tive atletismo na escola, esse fato irá de certa forma prejudicar em minha formação, pois não tenho nenhuma noção do que é o atletismo, tanto na parte teórica, quanto na parte prática (Acad. F).*

*O fato de eu não ter atletismo na escola dificultará de início o aprendizado das técnicas e do movimento do atletismo (Acad. R).*

Diante disso, verificamos que os referidos participantes atribuem uma grande preocupação aos aspectos de aprendizagem, pois de acordo com o *acadêmico A*, eles terão o primeiro contato com esse conhecimento durante o Ensino Superior, tanto a parte prática quanto a teórica, ou seja, o conhecimento básico inicial será apresentado a esses acadêmicos apenas quando iniciarem o 4º semestre do currículo do curso de EF – Licenciatura (CEFD/UFSM), conforme o currículo vigente do curso.

A projeção das vivências e experiências se reflete diretamente na formação inicial dos acadêmicos servindo de base, estrutura para as aprendizagens e metodologias de ensino que nortearão o aprendizado referente à atuação profissional. Oito acadêmicos revelaram que não tiveram essas vivências o que denota uma grande responsabilidade para a formação inicial que precisa “apresentar” essa área de conhecimento que é o Atletismo ao mesmo tempo em que necessita ofertar as primeiras vivências e apropriação do conhecimento específico para que seja possível o ensino futuramente.

Durante a graduação em licenciatura, é possível vislumbrar um trajeto a ser seguido através de teorias e conhecimentos fornecidos por uma instituição de nível superior que nortearão as práticas docentes, colaborando para formação dos futuros profissionais. Para Carlan (2018, p. 50) “entende-se que a formação inicial é um dos momentos mais significativos do ‘ser professor’, e definirá a concepção da prática pedagógica que irá nortear o seu fazer docente”.

O professor em si é uma fonte de conhecimentos que, segundo Tardif (2014, p. 32), “é antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber ao outro”, mas não apenas como um transmissor de conhecimento já instituído, e sim, como alguém que possui vários saberes, ou seja, um saber plural, oriundo da vinculação dos saberes profissionais e saberes disciplinares, curriculares e experienciais, constituídos pelos saberes da prática e da competência profissional. No que tange a formação inicial, especialmente referente aos campos que constituem a licenciatura, Carlan (2018, p. 51) argumenta que:

A formação inicial conta, portanto, com um conjunto de componentes disciplinares, que podem vir tanto dos diversos campos que constituem as Licenciaturas, tais como a Educação Física, como dos diversos ramos científicos que compõem os saberes da formação inicial, como a Sociologia, a Filosofia, a Psicologia ou as Ciências da Educação.

Em se tratando da formação inicial em EF, Darido (2008, p. 26) apresenta dois tipos distintos frente à formação do profissional em EF. Um deles, caracterizado como Tradicional-esportivo, onde o foco são as práticas e o saber fazer para ensinar, desenvolvendo-se majoritariamente em quadras, piscinas, etc.; outro tipo de formação caracterizado como Científico, que corrobora com a parte das disciplinas teóricas da área pautada pelas ciências humanas, enfatiza o aprender para ensinar, fornecendo elementos para o processo de ensino-aprendizagem predominando nas salas de aula e bibliotecas.

Avançando com nosso estudo, buscamos conhecer as expectativas referentes à formação inicial para os acadêmicos do nosso estudo na intenção de seguir com as análises, a seguinte pergunta vislumbrou averiguar: “*quais suas expectativas para a formação inicial em EF – Licenciatura da UFSM?*”. Dos 21 acadêmicos que participaram deste estudo, três não responderam as questões referentes à categoria *formação inicial*. Para elencar as expectativas seguem os posicionamentos:

*Ter um conhecimento que seja suficiente para ensinar tudo o que aprendi aos alunos (Acad. A).*

*Que eu aprenda a ser um ótimo professor, e que possa ter oportunidade de aprender e ter contato sobre todos os esportes para assim, ser um bom profissional, aproveitando ao máximo (Acad. B).*

*Conseguir diversas experiências que formem minha ideia de metodologia para trabalhar futuramente (Acad. C).*

*Aprender o básico de tudo que for necessário para ter o conhecimento para ensinar (Acad. E).*

*Minhas expectativas são desenvolver aulas teórico-práticas com envolvimento de todos os alunos e tornar a EF mais valorizada entre as disciplinas (Acad. F).*

*Minha expectativa é de que o curso me proporcione um amplo aprendizado e conhecimento em relação aos esportes e as práticas escolares, bem como, seja-nos proporcionado o conhecimento de como podemos nos portar como futuros professores (Acad. I).*

Portanto, fica evidente que o maior interesse/preocupação está associado ao “ser professor”, isto é, percorrer o processo de Formação Inicial compreendendo e apropriando os saberes e os instrumentos de caráter pedagógico, didático-metodológico, teórico-prático, entre outros, projetando possibilidades de atenuar os enfrentamentos da prática pedagógica no exercício da futura profissão. Nessa perspectiva, Colombo e Cardoso (2008, p. 116) entendem que “estas questões estão mais vinculadas à prática do que a teoria, ou seja, a preocupação principal dos acadêmicos está centrada no aprendizado da vivência do “*ser professor*”, diretamente vinculada aos problemas que os professores enfrentam frente à realidade escolar”.

Por fim, Carlan (2018) compreende que o professor que quer ensinar um componente curricular deve começar por suscitar o desejo de aprendê-la, pois só consegue ensinar alguma coisa a quem efetivamente sente de previamente esse interesse. Ou seja, esse interesse em aprender para ensinar foi constatado nas expectativas de alguns acadêmicos, nota-se a preocupação em ser “*um bom professor*” e ensinar com qualidade e efetividade tudo o que se aprenderá durante a graduação da melhor maneira possível.

Diante disso, compreendemos que o professor não é somente o produto final de um processo de formação que se encerra nos espaços universitários, porém deve estar em constante aprendizado, no anseio de novos conhecimentos, frente às mudanças cotidianas. Ponderamos ainda que os alunos nunca serão os mesmos, portanto nossa forma de ensinar e os conhecimentos que esses anseiam também não serão.

### **Considerações Finais**

Finalizamos nosso artigo destacando que verificar as vivências e experiências de acadêmicos ingressantes em curso de licenciatura em EF é pertinente para tecer uma relação com as expectativas para a Formação Inicial, em especial acerca do Atletismo, uma modalidade esportiva que, como vimos, está ampliando sua manifestação no ambiente escolar e se apresenta como determinada preocupação por parte dos futuros professores.

No primeiro momento do estudo, identificamos as vivências/experiências referentes ao Atletismo na EFE em 21 acadêmicos participantes deste estudo. Segundo os dados analisados evidenciamos que o trabalho com o conteúdo de Atletismo no ambiente escolar se fez presente na trajetória de 13 acadêmicos que representam 62% do total de participantes, sendo o Atletismo tratado nos âmbitos conceitual e procedimental de várias formas, na qual os professores se dispuseram a buscar alternativas para o trabalho pedagógico, adaptações de ambiente e materiais, bem como a vinculação com os níveis de competição com predomínio nos âmbitos Municipal e Estadual. Destacamos que os dados relatados limitam nosso conhecimento referente ao ensino no âmbito atitudinal, pois este não foi descrito pelos acadêmicos.

No segundo momento, a perspectiva dos participantes de nosso estudo, aqueles que vivenciaram o Atletismo na escola, evidenciava determinada confiança em relação à aprendizagem do Atletismo na graduação, pois acreditam que os saberes já experienciados somados aos saberes do Ensino Superior facilitará o ensino do Atletismo em sua futura atuação. Diferentemente, os acadêmicos que não tiveram essas vivências/experiências, sentem o impacto negativo, pois terão o primeiro contato com este esporte somente no Ensino Superior. A partir destas heranças escolares, a principal expectativa elencada pelos discentes está pautada no “ser professor”, na construção de uma identidade docente e em como ministrar os conteúdos pertinentes da EF futuramente.

Por fim, vale destacar que a pertinência e a certificação do “ser professor”, no sentido pedagógico-profissional, só ocorrerão mediante unidade ou síntese entre teoria e prática no tempo/espço de intervenção pedagógica, seja na escola, seja fora dela. A formação do sujeito “professor”, que considera as experiências vividas no momento escolar da educação básica, necessita encontrar correspondência e fundamentação, de ordem teórico-metodológica e conceitual, no ensino superior, no curso de formação inicial. Isso vale, evidentemente, para a apropriação e para o ensino de todo o acervo de elementos e formas de práticas corporais sistematizadas no plano da Cultura Corporal, em especial, aqui, se tratando do Atletismo.

## Referências

ALMEIDA, K. G. et al. O atletismo nas aulas de educação física das escolas estaduais do município de Imbituva – PR. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 2, p. 97-104, jul./dez. 2017.

CARLAN, P. *O esporte como conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica*. Ijuí: Unijuí, 2018.

COLOMBO, B. D. CARDOSO, A. L. Formação inicial em educação física e atuação na escola: a hora da verdade. *Revista Motrivivência*. Ano 20, Nº 30, p. 111-127. Jun./2008.

DARIDO, S. C. *Educação física na escola*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C. SILVA, E. V. M. O atletismo nos cursos de graduação em Educação Física. Rio Claro: *Revista Motriz*, 2011.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GINCIENE, G. MATTHIESEN, S. Q. O modelo do Sport Education no ensino do atletismo na escola. Porto Alegre: *Revista Movimento*, 2017.

GEMENTE, F. R. F. MATTHIESES, S. Q. Formação continuada de professores: construindo possibilidades para o ensino do atletismo na Educação Física escolar. Curitiba: *Educar em Revista*, n. 65, p. 183-200, jul./set. 2017.

HILDEBRANDT, R. *Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física*. 2ª edição. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

IORA, J. A. et al. A construção de materiais e a utilização de espaços alternativos para o ensino do atletismo. Canoas: *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, UNILASALLE, 2016.

- KUNZ, E. SOUZA, M. *Didática da Educação Física*. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.
- LENCINA, L. ROCHA, I. C. JR. Diagnóstico do atletismo escolar em Santa Maria. Santa Maria: *Revista Kinesis*, UFSM, 2001.
- MARQUES, C. IORA, J. A. Atletismo Escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de Educação Física. Porto Alegre: *Revista Movimento*, 2009.
- MATTHIESEN, S. Q. Uma abordagem escolar do atletismo como manifestação esportiva. In: BRASIL. Ministério do Esporte. Comissão de Especialistas de Educação Física. *Manifestações dos esportes*. Brasília, DF: Universidade de Brasília/CEAD, 2005.
- MATTHIESEN, S. Q. *Atletismo na escola*. Maringá: Eduem, 2014.
- MATTHIESEN, S. Q. *Atletismo: teoria e prática*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
- MATTHIESEN, S. et al. Atletismo na escola. Rio Claro: *Revista Motriz*, 2008.
- MENDONÇA, B. C. A. COSTA, E. S. O atletismo enquanto conteúdo das aulas de educação física nas escolas públicas no estado de Sergipe. Paripiranga: *Revista Campus*, v. 2, n. 3, p. 22-30, 2009.
- ORO, U. Iniciação ao atletismo no Brasil: problemas e possibilidades didáticas. In: KIRSCH, A. *Atletismo: metodologia para iniciação em escolas e clubes*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1983.
- PICH, S. O Atletismo como objeto de ensino da educação física escolar: primeiras aproximações. Florianópolis: *Cadernos de Formação RBCE*, 2011.
- SILVA, A. I. SEDORKO, C. M. Atletismo como conteúdo das aulas de educação física em escolas estaduais do município de Ponta Grossa. Ponta Grossa: *Revista Teoria e Prática da Educação*, UEPG, 2011.
- SILVA, E. V. M. et al. Atletismo (ainda) não se aprende na escola? Revisitando artigos publicados em periódicos científicos da Educação Física nos últimos anos. Porto Alegre: *Revista Movimento*, 2015.
- TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, no 14, mai./jun./jul./ago., 2000.

\*\*\*

Recebido em: 23 mai. 2021.  
Aprovado em: 16 ago. 2021.

\* **Juliana Ribeiro Licht** é Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: [julianarlicht@gmail.com](mailto:julianarlicht@gmail.com)

\*\* **Gislei José Scapin** é Licenciado e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria, Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Santa Maria, Professor de Educação Física da rede municipal de Educação de Panambi – RS.

E-mail: [gjscapin@gmail.com](mailto:gjscapin@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6996-2158>.

\*\*\* **Leandra Costa da Costa** é Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, Professora do Departamento de Desportos Individuais do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: [lcostadacosta@hotmail.com](mailto:lcostadacosta@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2134-9354>

\*\*\*\*\*